



“PAISAGENS E CULTURA: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica”

■ LUCIENE CRISTINA RISSO¹

O CONCEITO DE PAISAGEM SEMPRE ESTEVE PRESENTE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUA HISTÓRIA SE DESENVOLVE AO LONGO DO TEMPO. ESTE ARTIGO PRETENDE REVISAR A HISTÓRIA DESSE CONCEITO NAS DIVERSAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS, PARA, DEPOIS, ESPECIFICAR O CONCEITO DE PAISAGEM UTILIZADO NESTA PESQUISA, QUE, POR SUA VEZ, FOI APLICADO EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA DA REGIÃO AMAZÔNICA. ESPERA-SE QUE ESTA REFLEXÃO TEÓRICA SUBSIDIE OS ESTUDOS VOLTADOS À GEOGRAFIA CULTURAL, QUE CONSIDERAM OS VALORES E SIGNIFICADOS QUE COMUNIDADES ATRIBUEM ÀS PAISAGENS NAS QUAIS VIVEM E INTERAGEM, CRIANDO VÍNCULOS AFETIVOS COM A MESMA.

PALAVRAS-CHAVE: CONSERVAÇÃO AMBIENTAL, PAISAGEM CULTURAL, COMUNIDADE INDÍGENA.

INTRODUÇÃO

O conceito de Paisagem sempre esteve presente na Ciência geográfica e sua história se desenvolve ao longo do tempo. Este artigo pretende revisar a história desse conceito nas diversas abordagens geográficas, para, depois, especificar o conceito de Paisagem utilizado nesta pesquisa, que, por sua vez, foi aplicado em uma comunidade indígena da região amazônica.

Espera-se que esta reflexão teórica subsidie os estudos voltados à Geografia Cultural, que consideram os valores e significados que comunidades atribuem às paisagens nas quais vivem e interagem, criando vínculos afetivos com a mesma.

OS PRIMÓRDIOS DA NOÇÃO DE PAISAGEM

A idéia de paisagem está intrinsecamente relacionada com a existência humana na Terra ao longo do tempo. Baseadas na observação do meio, as primeiras referências sobre a concepção de paisa-

gem surgem com as representações em formas de pinturas rupestres entre 30 e 10 mil anos. Segundo Maximiano (2004, p.84) elas “são os registros mais antigos que se conhece da observação humana sobre a paisagem”.

Na antiguidade a visão de paisagem estava relacionada à utilidade e à estética. Um exemplo de utilidade da paisagem é o aproveitamento da vazante do rio Nilo pelo povo egípcio e a observação astronômica para fins agrícolas.

Selecionavam-se os elementos da paisagem para compor o cenário das cidades, uma vez que as florestas, naquela época, eram praticamente excluídas e temidas. Podemos citar o caso de Roma, que construiu seus jardins públicos sem muitos elementos naturais.

Observamos, então, que os grupos traziam elementos que tinham sentido e utilidade para sua realidade. E só assim a paisagem passava a existir.

Maximiano (2004, p.89) dá um exemplo dos caldeus na Mesopotâmia, para reforçar que o con-

ceito de paisagem foi construído com base no que existiu e existe de útil e compreensível no entorno da existência humana:

(...) Neste caso, poder-se-ia incluir aspectos astronômicos na paisagem no Oriente Médio, já que a investigação dos caldeus na Mesopotâmia incluía corpos celestes. Quem sabe a paisagem terrestre desértica e um tanto monótona tenha ajudado a desviar o olhar para cima (...). Os elementos celestes fariam então, parte de sua paisagem”.

Outro exemplo são os jardins orientais, que significam a miniatura do Universo, mas que, no entanto, não deixam de trazer uma parte dos elementos naturais para um lugar seguro.

A finalidade estética surgiu praticamente a partir do século XV, representada através de pintores e artistas, que associaram a ela vínculos emocionais e afetivos.

De modo geral, a noção de paisagem, tanto utilitária como estética, foi entendida diferentemente a depender da cultura de cada grupo social diante dos desafios da paisagem natural.

A sistematização que levou ao conceito de paisagem somente se iniciou com Humboldt, na Alemanha, no século XVIII.

O CONCEITO DE PAISAGEM: UM BREVE HISTÓRICO _____

As reflexões conceituais sobre a paisagem são estritamente geográficas. O conceito de paisagem é essencialmente polissêmico e dinâmico, já que ao longo da história do pensamento geográfico o conceito teve múltiplas interpretações, de acordo com a abordagem geográfica.

A noção de paisagem na Geografia nasceu sobre a observação de áreas visualmente homogêneas. Dentro da geografia alemã (XVIII), até os anos de 1940, a paisagem englobava o conjunto de fatores naturais e humanos.

Durante o século XIX, três estudiosos alemães se destacaram: Humboldt, Ritter e Ratzel. Sob o olhar do naturalista Humboldt, a paisagem era vista de forma holística, associada a um conjunto de fatores naturais e humanos. Para Humboldt, a paisagem (*landschaft*) é “the total character of an Earth region” (Naveh; Lieberman, 1984, p.4).

Segundo Alves (1997, p.85) Humboldt considerava que a observação da paisagem deveria ser contemplada com sentimento. E Moraes (1983, p.43) diz ainda, que ele não se caracteriza como empirista porque conseguia aliar o trabalho empírico ao abstrato.

Com Carl Ritter, em “Geografia comparada”, a paisagem não se constituía no principal objeto de estudo, porque ele considerava que os “fenômenos nelas existentes, criados pela sistematização, ocorreriam nas diversas regiões, justificando assim, o título de sua obra” (Schier, 2003, p.82). Portanto, a prática geográfica de Ritter tinha um caráter enciclopédico, dedicando-se às descrições e análises regionais.

Friedrich Ratzel, em seu livro *Antropogeografia*, de 1880, apresenta o conceito de paisagem de forma diversa, porque inclui primordialmente a cultura na paisagem, embora proponha uma concepção limitada da cultura (influência darwinista) ao confundir com os artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço (Claval, 2001, p.22).

Ele parte do pressuposto que “as relações que os homens tecem com seu ambiente e os proble-

mas que nascem de sua mobilidade dependem das técnicas que dominam” (Claval, 2001, p.21).

No início do século XX, outros geógrafos alemães introduzem a abordagem da cultura no estudo da paisagem. Otto Shlütter (1872-1959) diz que é “a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas” (Shlütter, 1952-1954, 1958, apud Claval, 2001, p.24). Porém, tanto para Ratzel e Shlütter, o conceito de cultura apresentava-se limitado, justamente por causa da influência darwinista que atribui exclusivamente aos utensílios e técnicas a dominação do meio, deixando de lado “(...) quase sempre as atitudes e as crenças” dos povos (Claval, 2001, p.27).

A pesquisa de Siegfried Passarge (1866-1958) também foi importante para o estudo da paisagem. Em 1913, usa a denominação “geografia da paisagem” (Landschaftskunde), e afirma que a paisagem é “o conjunto daquilo que os olhos podem abarcar” (Claval, 2001, p.29). Segundo Claval (2001, p.29), suas análises comparadas de paisagens serviram de modelo na Alemanha e no estrangeiro. Entretanto, sua reputação foi questionada por causa de suas idéias nazistas. O estudo da paisagem centrado em fatos culturais dominou a geografia alemã desde os anos 1920 até 1960.

Deve-se aos alemães, também, a conceituação diferenciada de paisagem natural (Naturlandschaften) e paisagem cultural (Kulturlandschaften). Entretanto, foi Carl Sauer (1889-1975), da geografia alemã, que apresentou a noção de paisagem natural e paisagem cultural à Geografia norte-americana. Carl O Sauer surgiu como o precursor do resgate dos estudos da paisagem, ao fundar a escola de Berkeley, em 1922.

Para Sauer (1998, p.23), a Paisagem deve ser pensada “como um somatório de características gerais”, onde a estrutura e a função são determinadas por formas integrantes e dependentes. Para ele, a paisagem natural é aquela que reflete as formas e objetos da Natureza, que existe com ou sem o Homem (Sauer, 1998, p.29); já a paisagem cultural se define como aquela resultante da relação do ser humano com a Natureza:

A área anterior à introdução de atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. Podemos chamar as primeiras, com referência ao homem, de paisagem natural, original [...]. As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. A paisagem cultural então é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas. (Sauer, 1998, p.42-43)

A paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado. Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. (Sauer, 1998, p.57)

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento [...] Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. A paisagem natural é

evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a paisagem cultural é formada (Sauer, 1998, p.59).

A partir destas conceituações, os discípulos de Sauer: Wagner; Mikesell (2003, p.35-36) afirmaram que a paisagem é “uma herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano”.

Entretanto, a partir dos anos de 1940, a Geografia norte-americana dedicou-se com rigor aos estudos quantitativos e às representações cartográficas, em contraposição aos estudos das relações entre cultura e espaço, que estava, até então, sob influência da geografia alemã. Desta forma, o termo paisagem foi substituído por “região”.

Já na escola francesa, no início do século XX, Paul Vidal de La Blache, seu principal representante, considerava que a paisagem é o relacionamento entre o meio e as sociedades humanas, partindo da concepção de Ratzel, mas introduz o conceito de gênero de vida. Segundo Claval (2001, p.33) “(...) A noção de gênero de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios ou as maneiras de habitar das diferentes civilizações (...) e assinala como se relacionam hábitos, maneiras de fazer e paisagens”.

Claval (2001, p.33) esclarece, ainda, que a ambição de La Blache é “(...) explicar os lugares, e não de se concentrar sobre os homens (...), mas a análise dos gêneros de vida mostra como a elaboração das paisagens reflete a organização social do trabalho”.

A cultura, para La Blache e Ratzel, é “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens” (Claval, 2001, p.35).

A concepção da paisagem sob a perspectiva da geografia tradicional perdurou até a década de 1940. Foi retomado como conceito-chave da geografia apenas a partir do início da década de 1970, aproximadamente, sob novos olhares e abordagens.

Schier (2003, p.83) ressalta que tanto Ratzel como La Blache são positivistas dinâmicos. “Nesta visão, o positivismo é bem diferente do positivismo simplificado e descritivo” que se desenvolveu nos sucessores até os anos 50.

Na abordagem da Nova Geografia, o conceito de Paisagem é retomado do ponto de vista sistêmico e é usado até hoje. Inclusive, em muitos casos, o conceito de geossistemas foi utilizado como substituto da paisagem. Esta abordagem é utilizada principalmente pela geografia física e geociências porque proporciona a análise das categorias da Paisagem dinamicamente. Os principais representantes desta linha são Bertrand (1971), Sotchava (1977), Christofolletti (1999), Troppmair (2000) Tricart (1977) entre outros autores. Vale ressaltar que estes estudos sistêmicos da paisagem são importantes porque valorizam a interdisciplinaridade.

Bertrand (1971, p.2) critica a noção de paisagem tradicional, dizendo que “a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados”, antes é:

(...) Uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Outros autores preferiram adotar o conceito de geossistemas, sistematizado na literatura soviética por Sotchava, para enfatizar “aspectos integrados dos elementos naturais numa entidade espacial, em substituição aos aspectos da dinâmica biológica dos ecossistemas” (Christofoletti, 1999, p.42).

Para Sotchava (1977, p.9) os geossistemas “são formações naturais, experimentando, sob certa forma, o impacto dos ambientes social, econômico e tecnológico”.

Christofoletti (1986-1987, p.120) considerou os geossistemas como “organizações espaciais oriundas dos processos do meio ambiente físico”, onde as ações humanas não estão inseridas, mas entram como inputs, interferindo nos processos e fluxos de matéria e energia.

Troppmair (2000, p.5) define o geossistema como “um sistema natural, complexo e integrado onde há circulação de energia e matéria e onde ocorre exploração biológica, inclusive aquela praticada pelo homem”. Conclui que “a paisagem é um fato concreto, um termo fundamental e de importante significado para a Geografia, pois a paisagem é a fisionomia do próprio geossistema” (Troppmair, 2000, p.8).

Já Tricart (1977), em seu livro *Ecodinâmica*, considera a paisagem e os ecossistemas como sistemas. Para ele o sistema “é um conjunto de fenômenos que se processam mediante fluxos de matéria e energia” (Tricart, 1977, p.19). Em sua opinião “o conceito de sistema é, atualmente, o melhor instrumento lógico de que dispomos para estudar os problemas do meio ambiente” (Tricart, 1977, p.19).

Podemos destacar, igualmente, o conceito de Ecologia da Paisagem introduzido pela primeira

vez pelo geógrafo alemão Carl Troll, em 1939. Na prática, segundo Filho (1998, p.2) “a ecologia da paisagem combina abordagem horizontal do geógrafo com a abordagem vertical de um ecologista”.

Este conceito tomou força a partir da década de 1970. Para ele, a ecologia da paisagem era definida como “uma entidade total espacial e visual, integrando a geoesfera, biosfera e a noosfera – a esfera da consciência e mente humana” (Troll, 1971, apud Filho, 1998, P.3). No contexto da Ecologia da Paisagem há o conceito de unidade de paisagem, importante para a aplicação metodológica. Foi Zonneveld (1979, apud Filho, 1998, p.9) que elaborou este conceito. Para ele uma unidade de paisagem é “um conjunto tangível de relacionamentos internos e externos, que fornece as bases para o estudo das inter-relações topológicas e corológicas”, e “teria como base as características mais óbvias ou mapeáveis dos atributos da Terra, a saber: relevo, solo e vegetação, incluindo a alteração antrópica nesses três atributos” (Filho, 1998, p.9) .

Assim, esta visão funcionalista de paisagem ou geossistema foi muito importante para a retomada do conceito de paisagem, sendo utilizado principalmente nos estudos sistêmicos da Geografia Física.

Ainda neste período dos anos de 1970, surgem a geografia humanista e a crítica. Na Geografia crítica o conceito de paisagem não foi utilizado, prevalecendo o conceito de espaço e lugar. Já na Geografia humanista, o conceito de paisagem é resgatado, considerando os aspectos subjetivos da paisagem, através da análise de seu significado (Claval, 2001). Retoma seus clássicos e avança a partir daí, promovendo intensos debates e discussões de idéias.

Nesta abordagem humanista, “o ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta” (Melo, 2001, p.33). Os estudos de percepção ambiental ou de percepção da paisagem são fundamentais para analisar os valores, os sentimentos em relação às paisagens. Neste sentido, a percepção do indivíduo e dos grupos sociais ou a subjetividade da paisagem passa a ser estudada, visando à compreensão do significado que a sociedade atribui ao espaço.

Na abordagem da geografia cultural, a partir da década de 1980, dentro de uma visão humanista, o olhar se volta para a paisagem simbólica, ou seja, nela estão presentes não somente a materialidade da cultura e da Natureza, mas também os sentimentos, os valores, em relação às paisagens. Esta abordagem é importante principalmente porque considera que a depender da cultura as ações perante a paisagem serão diferenciadas.

PAISAGEM E CULTURA SIMBÓLICA _____

A paisagem entendida como uma construção vertical tem uma história natural e cultural. Entretanto, o termo pode ser utilizado a partir do momento em que a atividade humana marca e age sobre ela (Dansereau, 1949). Portanto, como diz Maximiano (2004, p.87), “a cultura, seria o elemento que, agindo sobre o meio natural, resulta na paisagem cultural”.

A paisagem se constrói a partir das relações entre os seres humanos e a Natureza, ao longo do tempo, pois embasada na paisagem natural a cultura se desenvolveu. Ela sempre será uma construção transversal, como disse Santos (1997, p.83) ao distinguir os conceitos de paisagem e espaço. Já o espaço sempre será uma construção horizontal.

Esta relação entre a sociedade e a Natureza acontece através do processo de percepção e cognição ambiental (que, por sua vez, é influenciado pelos aspectos culturais e pelo inconsciente), que resultarão na atribuição de valores e nas condutas perante o meio.

As paisagens estão marcadas pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos. Isto levou Berque (1990, p.48) a considerar a paisagem como a “dimension sensible et symbolique du milieu; expression d’une médiance”; portanto, ela é uma marca, “pois expressa uma civilização” (Berque, 1998, p.84) e uma matriz porque “participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (Berque, 1998, p.85). Em outras palavras, ela “determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política” (BERQUE, 1998, p.86).

Sobre isto, Collot (1990, p.22) já afirmara que a dependência recíproca entre paisagem percebida e o sujeito tem duplo sentido: “enquanto horizonte, a paisagem se confunde com o campo visual de quem a observa, mas, em troca, toda a consciência sendo consciência de..., o sujeito se confunde com seu horizonte e se define como ser-no-mundo”.

No universo subjetivo estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a Natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos em relação a ela. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque, as pessoas atribuem valores e signifi-

ficados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares. Sobre isto, Relph (1976) mostra que as experiências pessoais, presentes nos lugares, são impregnadas de significados e valores.

A atribuição de valores, inseridos por nós nas paisagens, demonstra o quanto estamos envolvidos afetivamente com elas. Por isto, Collot (1990, p.24) afirmou que a paisagem “se apresenta como uma unidade de sentidos, ela fala a quem olha”.

Neste sentido, a concepção de lugar, sob o ponto de vista subjetivo, só acontece quando “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (Tuan, 1983, p.6).

Ainda, dentro do universo subjetivo temos a paisagem interiorizada (*inscape*) de Dansereau (1975). A paisagem interiorizada é aquela com a qual possuímos uma forte relação afetiva. Segundo Relph (1979, p.13) a *inscape* é “a mais importante para nós, por ser ela que dá profundidade e significado às paisagens, e que nos liga a elas, por reforçar nossa individualidade”.

Para Dardel (1952, p.41) a paisagem é uma totalidade:

une convergence, un moment vécu. Un lien interne, une 'impression', unit tous les elements". E ainda, ela é "une échappée vers toute la Terre, une fenêtre sur des possibilités illimitées: un horizon. Non une ligne fixe, mais un mouvement, un élan. (Dardel, 1952, p.42)

Isto significa que a paisagem tem sua dinamicidade, e o que ela se tornará no futuro compreende, sempre, um universo de possibilidades, por causa da capacidade humana de criação. Neste

contexto, somos levados a pensar que, dependendo do nosso grau de afetividade em relação a ela, resultará a sua própria recriação.

PAISAGEM E CULTURA APURINÃ _____

Os valores que atribuímos às Paisagens compreendem a relação estabelecida entre o indivíduo e a Paisagem. Por sua vez, esta relação provém dos processos de percepção e cognição ambiental, influenciado pelos aspectos culturais e pelo inconsciente, que resultará em sentimentos e significados em relação a determinada Paisagem, valorizando-a ou desvalorizando-a. Embora, ainda que inserido no contexto de uma determinada Cultura, um indivíduo possa ter uma percepção diferente em relação ao meio, geralmente são observáveis certos padrões de comportamento que ocorrem em relação à Paisagem de uma cultura.

Desta forma, aplicando os referenciais de Paisagem e Cultura na comunidade indígena Apurinã, localizada no município de Lábrea (AM), no médio rio Purus, foi possível analisar os valores desta comunidade perante a paisagem.

Pelo fato dos Apurinã viverem toda a sua história de vida na floresta amazônica, no médio rio Purus, sua percepção de grupo está associada a este relacionamento, influenciado pelos aspectos de sua cultura. Esta Paisagem é valorizada por eles, principalmente porque seus processos de percepção e cognição foram estabelecidos no contato direto com a Natureza, definidos pelos valores simbólicos da Cultura Apurinã, resultando na visão de mundo da comunidade, a qual influi na determinação das condutas.

Os aspectos da cultura Apurinã influenciam os aspectos perceptivos e, desse modo, leva-os a atri-

buírem valores à Paisagem, já que sua visão de mundo se entrelaça com os valores morais, religiosos e afetivos inseridos na Natureza.

Para os Apurinã, tudo que envolve a Natureza possui um sentido (razão de existir) e tem vida, sendo que eles próprios surgem inseridos neste universo. A visão de mundo Apurinã está dividida entre os domínios da terra, do céu e das águas.

No domínio da terra está a floresta, impregnada de vida e muito animada, pois se configura como o domínio onde vivem incontáveis e variados seres e espíritos. Quando o pajé ainda era vivo, Dona Marta (esposa do atual cacique) disse que ele conversava e via os seres e os espíritos da floresta, além de conversar com os espíritos das árvores e com os animais, inclusive com a onça. Assim, o pajé se apresenta como o mediador da relação do seu povo com o domínio sobrenatural. Um dos lugares mais importantes, considerado como um geossímbolo, é a região da floresta do igarapé Mucuí, pois pode ser entendido como o centro do mundo, um lugar sagrado de acordo com a cosmogonia apurinã.

Os espaços da floresta do Mucuí podem ser considerados sagrados porque estão presentes os mitos de criação, responsáveis pela organização social dos Apurinãs. Foi neste domínio da floresta que os índios descobriram o fogo, segundo seu mito.

O domínio das águas, outro espaço sagrado segundo a mitologia Apurinã, pertence a Ynhysy, a grande cobra d'água. Já o domínio do céu é representativo do mundo espiritual que controla a vida da Terra. Segundo Ehrenreich (1948) os Apurinãs sabem atrair estrelas, colocando-as na mão e devolvendo-as ao firmamento.

O entendimento destes geossímbolos revelou a vertente principal de uma cultura, o cerne da

visão de mundo do grupo, e a construção do território, no sentido de enraizamento.

Desta forma, os índios Apurinãs possuem uma visão cíclica e holística do mundo. Nas palavras de Campos (1994, p.17) “a idéia de totalidade sugere uma visão de mundo ecossistêmica, de ética única e mesmo sagrada de um religioso não confessional na relação do homem com seu mundo e lugar de vida, com o sagrado que o re-liga ao oikos (templo)”.

Os Apurinã valorizam esta paisagem porque é o lugar dos seus antepassados, o lugar onde tudo começou (vide mitos de criação), o lugar em que vivem, onde projetam seu futuro. Eles pertencem a esta Paisagem e esta Paisagem lhes pertence; sendo, então, o lugar onde construíram sua identidade, entendida como o “sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico” (Barth, 1969).

Neste sentido, a aldeia é o lugar onde se constrói a noção de pessoa, da construção da identidade, através dos ensinamentos e dos valores morais e metafísicos transmitidos pelos sistemas de parentesco, que perpetuam a visão de mundo, além de ser uma unidade política. O espaço utilizado para esta atividade é o centro da aldeia (em volta de uma fogueira) e um barracão edificado para receber diversos grupos indígenas, para discutirem seus direitos.

Desta forma, esta Paisagem está carregada de significações positivas e, se ela faz sentido, como diz Collot (1990, p.25) é porque foi “repentinamente analisada visualmente, vivida e desejada”. Como a Paisagem “fala a quem olha” (Collot, 1990, p.24), ela é o resultado deste relacionamento entre os Apurinã ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa o conceito de paisagem foi essencial, na medida em que permitiu o entendimento da transtemporalidade, ou seja, vários tempos convivendo, juntos, num mesmo espaço, uma vez que ela é “a herança de um longo período de evolução natural e de muitas gerações de esforço humano” (Wagner; Mike-sell, 2003, p.35-36), além de contribuir para a análise das marcas culturais e identidades presentes na Paisagem.

Os conceitos de Paisagem, dentro da linha fenomenológica (Collot, 1990; Berque, 1990; Dardel, 1952) assumem destacada importância para a Geografia Cultural, pois contribuem para a análise da pesquisa, fazendo-nos ver que a paisagem contém os valores culturais, os sentimentos que uma comunidade possui em relação à Natureza.

O mais importante no conceito da Paisagem é seu potencial para desenvolver uma visão multidisciplinar, unindo geografia física e geografia humana, em busca de significações e reflexões diante de determinadas ações humanas perante a Natureza.

NOTAS

- 1- Profa.Dra.do Curso de Geografia da UNESP - Ourinhos (SP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, V.E.L. *Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo*. Geosp. SP: USP, n.2, p.85-89, 1997.
- BARTH, F. *Les groupes ethniques et leurs frontières*. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART J. *Theories de l'ethnicité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. p.203-249.
- BERQUE, A. *Médiance de milieux em paysages*. Paris: Geographiques Reclus, 1990.
- BERQUE, A. *Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.84-91.
- BERTRAND, G. *Paisagem e geografia física global*. São Paulo: USP/IGEOG, 1971. (Cadernos de Ciências da Terra, n.13).
- CAMPOS, M. D'Olne. *Fazer o tempo e o fazer do tempo; ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza*. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, n.8, p.7-33, 1994.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Modelagem de sistemas ambientais*. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Significância da teoria de sistemas em Geografia Física*. *Boletim de Geografia Teorética*. Rio Claro, v.16-17, n.31-34, p.119-128, 1986-1987.
- CLAVAL, P. A *Geografia Cultural*. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001
- COLLOT, M. *Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens*. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, v.20, n.39, p.22-31, 1990.
- CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z (org). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- DANSEREAU, P. *Inscapes and landscape: the human perception of environment*. New York: Columbia University Press, 1975.
- DANSEREAU, P. *Introdução à biogeografia*. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Geografia, n.1, ano 11, 1949.
- DARDEL, E. *L'Homme et la terre: nature de la réalité géographique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- EHRENREICH, P.M.A. *Contribuições para a etnologia do Brasil*. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v.2, p.7-135, 1948.
- GUERRA, A. T. *Recursos naturais do Brasil*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1980
- MAXIMIANO, L.A. *Considerações sobre o conceito de paisagem*. R.RA'E GA. Curitiba, UFPR, n.8, p.83-91, 2004.
- MELO, V. *Paisagem e simbolismo*. In *Paisagem, imaginário e espaço*. ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MONTEIRO, C. A. de F. *Geossistema: a história de uma procura*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORAES, A.C.R. *Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*. Tese de Doutorado, FFLCH- USP, 1983.
- NAVEH, Zev; LIEBERMAN, Arthur. *Landscape ecology: theory and application*. New York: Springer-Verlag, 1994.
- OLIVEIRA, L. de *Os estudos de percepção do meio ambiente no Brasil*. OLAM -Ciência & Tecnologia.v.4, n.1, p.22-26, 2004.
- RELPH, E. *As bases fenomenológicas da Geografia*. *Geografia*, Rio Claro, v.7, p.1-26, 1979.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.
- RISSO, Luciene C. *Paisagem, Cultura e Desenvolvimento Sustentável: um estudo da comunidade indígena Apurinã*. Rio Claro: UNESP, 2005 (Tese de Doutorado).
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAUER, C.O. *A morfologia da Paisagem*. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.12-74.
- SCHIER, Raul Alfredo. *Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia*. Curitiba: R.Ra'E GA, n.7, p.79-85, 2003.
- SOARES FILHO, B.S. *Análise de paisagem: fragmentação e mudanças*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SOTSCHAVA, V.B. *O estudo dos geossistemas. Métodos em questão*. S.Paulo: IG, USP, número 16, 1971.

TRICART, J. *Ecodinâmica*. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

TROLL, C. *Geoforum*, v.8, p.43-46, 1971.

TROPMAIR, H. *Geossistemas e geossistemas paulistas*. Rio Claro: ed.do autor, 2000.

WAGNER, P.L.; MIKESELL, M.W. *Os temas da geografia cultural*. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

ABSTRACT

THE LANDSCAPE CONCEPT ALWAYS WAS PRESENT IN GEOGRAPHIC SCIENCE AND TIME DRAWS YOUR HISTORY. THIS ARTICLE INTENDS TO REVIEW THIS CONCEPT IN DIVERSE GEOGRAPHICAL APPROACHES, FOR, IN A SECOND MOMENT, SPECIFY THE LANDSCAPE CONCEPT USED DURING THIS RESEARCH, WHICH WAS APPLIED IN AN AMAZONIC INDIAN COMMUNITY. WE WISH THAT THIS THEORICAL DISCUSSION CONTRIBUTES TO THE CULTURAL GEOGRAPHY STUDIES, THAT CONSIDERES THE VALUES AND MEANS ASSIGNED BY THESE COMMUNITIES TO LANDSCAPE WHERE THEY LIVE AND INTERACT, CREATING EMOTIONAL LINKS WITH IT.

KEYWORDS: ENVIRONMENTAL CONSERVATION, CULTURAL LANDSCAPE, TRADITIONAL COMMUNITIES.